



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

A interdiscursividade no vídeo “Nós somos o MBL”¹ The interdiscursivity in the video “We are the MBL”

Cadiani Lanes Garcez²

Resumo: Este estudo tem como objetivo analisar a interdiscursividade na apresentação do MBL, por ele mesmo, no vídeo “nós somos o MBL” utilizando o conceito em Maingueneau (2000) e em Charaudeau e Maingueneau (2014). Além disso, discutimos os conceitos de espaço, lugar e território (SANTOS, 2006 E HAESBAERT, 2014) para buscar entender como o MBL se posiciona a fim de ocupar seu lugar no espaço e no território. Ao final, percebemos inúmeras referências a outros discursos, referências aos estereótipos de esquerda e direita, de herói, da música (rock e MPB), destacando o emprego do nós, não como um conjunto de pessoas, mas como um sujeito coletivo que exprime uma pessoa amplificadora e difusa, segundo Maingueneau (2008).

Palavras-chave interdiscursividade, MBL, espaço, território, lugar.

Abstract: This study aimed to analyze and interdisciplinarity in the presentation of MBL, by himself, without any video "we are the MBL", using the concept in Maingueneau (2000) and in Charaudeau and Maingueneau (2014). In addition, discussions about space, place and territory concepts (SANTOS, 2006 and HAESBAERT, 2014) to move to MBL are positioned to occupy their place in space and territory. Besides, we discuss the concepts of space, place and territory (SANTOS, 2006 and HAESBAERT, 2014) to seek to understand how the MBL are positioned to occupy their place in space and in the territory. At the end, we noticed countless references to other discourses, references to the stereotypes of left and right, of hero, of music (Rock and MPB), highlighting the employment of the US, not as a group of people, but as a

¹ Trabalho apresentado ao III Seminário Internacional de Pesquisas em Mediatização e Processos Sociais. PPGCC-Unisinos. São Leopoldo, RS – 6 a 10 de maio de 2019.

² Mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria – RS; e-mail: rpcadiani@gmail.com. Integrante do Grupo de Pesquisa "Circulação Midiática e Estratégias Comunicacionais" do POSCOM/UFSM, coordenado pela Profa. Dra. Viviane Borelli



III Seminário Internacional de Pesquisas em Miatização e Processos Sociais

collective subject that expresses a person Amplified and diffuse, according to Maingueneau (2008).

Keywords: interdiscursivity; MBL; space; territory; place.

1 Considerações iniciais

O presente trabalho pretende analisar a interdiscursividade presente no vídeo “Nós somos o MBL”³, publicado no canal do *Youtube* do Movimento Brasil Livre (MBL), em 24 de novembro de 2017, tendo hoje 104.493 visualizações, 4 mil gostei, 616 não gostei e 526 comentários, os quais não serão objeto de análise neste momento. O vídeo tem cinco minutos e onze segundos, e tem como trilha sonora *The Rat* do grupo *The Walkmen* e *Baba O'Riley*, do *The Who*, em sua versão original.

O Movimento Brasil Livre (MBL) é uma entidade que visa mobilizar cidadãos em favor de uma sociedade mais livre, justa e próspera, que defende a Democracia, a República, a Liberdade de Expressão e de Imprensa, o Livre Mercado, a Redução do Estado, Redução da Burocracia⁴. Foi fundada em novembro de 2014, conforme informações contidas na seção sobre em sua página no Facebook. Gomes (2017) relata que o movimento nasceu de manifestações em São Paulo e no Rio Grande do Sul, em dois protestos pela investigação do petróleo. “O movimento surge logo após as eleições acirradas de segundo turno do ano de 2014. Na época, alguns idealizadores não escondiam a defesa da candidatura do então deputado Aécio Neves (PSDB) à Presidência da República.” (GOMES, 2017, p. 157)

³ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?time_continue=2&v=jagXpRzD1Xg>

⁴ Sobre as propostas foi criada uma cartilha, em 2015, que pode ser acessada na página oficial do movimento através do seguinte link: <<https://mbl.org.br/wordpress/wp-content/uploads/2017/05/propostas-mbl.pdf>> acessado em 23 de junho de 2019.

O movimento possui também um manual de instruções para filiais municipais. Disponível em <<https://pt.scribd.com/doc/277263728/Manual-de-Filiais-do-MBL>> acessado em 23 de junho de 2019.



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

Apesar dos relatos dos integrantes do MBL darem conta de seu surgimento ligado a manifestações em 2014, Gomes (2017) expõe que Marina Amaral⁵ acredita que o MBL nasceu dentro da franquia *Students for Liberty*, grupo americano, que tem representações no mundo todo e prega o Estado minúsculo, a substituição pelas políticas públicas de inclusão pela mera meritocracia, a ausência de regulação da economia, a redução da carga tributária. Gomes (2017) destaca que Amaral se apoia em declarações de Juliano Torres, um dos integrantes do grupo no Brasil, que elucidou a ligação entre o grupo e o MBL, ao dizer que vários membros do *Students for Liberty*, queriam participar dos protestos em 2013, mas não podiam o fazer como organização, por questões tributárias norte-americanas. Dessa forma, os estudantes resolveram participar como pessoas físicas e criaram uma marca para se vender nas manifestações como Movimento Brasil Livre. Acabados os protestos, acabou o projeto e eles procuraram alguém para assumir a marca, já que possuíam mais de 10 mil curtidas na página do Facebook e, foi assim que encontraram Kim Kataguirí e Renan Hass, que segundo Juliano Torres deram uma guinada no movimento com as passeatas contra Dilma Rousseff.

O MBL tem como principal ferramenta para mobilização as redes sociais, utilizando fotos, textos, vídeos e compartilhamento de matérias jornalísticas além da criação de eventos no Facebook para validar suas pautas, conforme Koberstein (2018). No escritório do MBL, em São Paulo, há “um funkeiro, um cineasta, um programador, um articulador político e memeiros” (FOLHA DE S. PAULO, 2017). Esses são os atores responsáveis pela produção de conteúdo que será compartilhado em suas redes, com o intuito de viralizar e promover o debate político, a partir de seus interesses. “Um dos principais motes utilizados pelo MBL em seu discurso é o nacionalismo, representado simbolicamente pelas cores verde e amarelo da bandeira do Brasil.” (KOBBERSTEIN, 2018, p. 208).

⁵ Marina Amaral é autora do artigo Jabuti não sobe em árvore: como o MBL se tornou líder das manifestações pelo impeachment, publicado no livro Por que Gritamos Golpe (São Paulo: Boitempo, 2016) e do artigo A nova roupa da direita (2015) para o Agência Pública.



III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

Para mostrar como o MBL se apresenta, utilizamos os conceitos de enunciação e a interdiscursividade, por Maingueneau (2000, 2008 e 2014). Além disso, utilizamos uma constelação de conceitos, da qual fazem parte o espaço, o lugar e o território, com aporte teórico de Santos (2006) e Haesbaert (2014). A discussão sobre espaço definido como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e de sistemas de ações, segundo Santos (2006), enquanto o lugar é visto como um ponto específico marcado no espaço, já o território está diretamente ligado a questões de poder, segundo Haesbaert,

espaço, enquanto espaço geográfico, ou seja, aquele que faz parte da abordagem sobre a relação sociedade/natureza, é mais amplo que território - este sendo visto como um olhar sobre o espaço geográfico que coloca seu foco nas relações de poder, isto é, enfatiza as relações espaço/poder. (2014, p. 55)

Ampliamos a pesquisa para entender o que significavam determinadas referências utilizadas no vídeo, como porque certa empresa aparece com destaque e não outra do mesmo segmento ou a utilização de imagens de uma personalidade em detrimento de outra. Percebemos nessa busca, como a mediação está presente na sociedade. A mediação é um processo que vem se desenvolvendo na sociedade atual, que afeta amplamente as práticas institucionais, que usam suas lógicas e operações para produzir novas formas de reconhecimento dos discursos; as agendas midiáticas afetam os indivíduos, os quais utilizam como referência as identidades proposta pela mediação; as relações entre instituições e indivíduos passam a ser mediadas por lógicas da mediação e vice-versa, com a mídia operando como reguladora; e, as mídias deixam seu papel de mediadora, oferecendo sentidos sobre um mundo externo, produzindo referenciais sobre si mesma, segundo Fausto Neto (2006).

Numa primeira análise, percebemos que a interdiscursividade foi um elemento central no vídeo. Foram utilizadas referências da música, de empresas, de personalidades, sejam políticas ou celebridades, de políticos de esquerda e de direita, com o intuito de reforçar características e estereótipos dessas pessoas. Encontramos ainda o uso do nós, como enunciador, buscando trazer o co-enunciador como



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

participante do discurso e das atividades desenvolvidas, o discurso é nosso e não deles. Neste trabalho não entramos em um dos conceitos centrais de nossa pesquisa principal, a circulação, que será tangenciada em detrimento de outros conceitos, mas que poderia ganhar destaque se dêssemos outro enfoque ao trabalho.

2 Espaço, lugar e território

Para trazermos os conceitos de espaço lugar e território, mergulhamos na leitura de Santos (2006) e Haesbaert (2014). Santos em seu texto, nos diz que é impossível entender um conceito sozinho, isolado; devemos sempre buscar entendê-los em seu conjunto, sua constelação é o termo utilizado por ele. Então, para discutir o espaço, lugar e território são conceitos que fazem parte de sua constelação. Santos propõe que “o espaço seja definido como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e de sistemas de ações” (2006, p. 12). Mas não são os objetos que determinam os objetos. É o espaço que determina os objetos, Santos destaca que o espaço é visto como um conjunto de objetos organizados segundo uma lógica e utilizados também seguindo uma lógica.

Santos (2006) expõe que

o espaço será visto em sua própria existência, como uma forma-conteúdo, isto é, como uma forma que não tem existência empírica e filosófica se a consideramos separadamente do conteúdo e um conteúdo que não poderia existir sem a forma que o abrigou. (2006, p. 14)

Dessa forma, percebemos, segundo Santos (2006), que a sociedade opera no espaço geográfico por meio dos sistemas de comunicação e transportes, alterando o espaço geográfico, que podemos chamar de paisagem. A paisagem é o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza (SANTOS, 2006, p. 66); enquanto o espaço são essas formas mais a vida que as anima, o espaço sofre ação humana. Para Santos, “o espaço é a sociedade, e a paisagem também o é. No entanto, entre espaço e



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

paisagem o acordo não é total, e a busca desse acordo é permanente; essa busca nunca chega a um fim.” (2006, p. 67); o espaço deriva das atividades da sociedade, que alteram suas lógicas, nessas formas-objetos. Entendemos que esses objetos mudam de função, mas não de lugar; enquanto a paisagem é, pois, um sistema material e, nessa condição, relativamente imutável: o espaço é um sistema de valores, que se transforma permanentemente. (SANTOS, 2006, p. 67). A imposição do espaço se dá através das condições que ele oferece para a produção, circulação e as condições para a vida de cada um.

Quando Haesbaert (2014) fala dessa relação entre o espaço, o lugar e a paisagem, podemos falar de um jogo circular de conceitos em torno do espaço, o lugar como espaço vivido, o território como espaço-poder, a paisagem como espaço-representação e o ambiente como as relações da sociedade e natureza e no centro o espaço-tempo e o espaço geográfico.

Seguindo o pensamento de Santos (2006), podemos dizer que o espaço não pode ser estudado como se os objetos materiais que formam a paisagem tivessem uma vida própria, porque o espaço, considerado humano é a síntese, sempre transitória e sempre recuperada, das contradições e da dialética social. Dessa forma, dizemos que o espaço, é uma especificação do todo social, um ângulo específico da sociedade global. Santos destaca que “o espaço é que reúne a todos, com suas múltiplas possibilidades, que são possibilidades diferentes de uso do espaço (do território) relacionadas com possibilidades diferentes de uso do tempo.” (2006, p. 104)

Haesbaert (2014) e Santos (2006) veem o espaço e o território de forma similar. Para Haesbaert (2014), o espaço coloca seu foco no caráter de coexistência e coetaneidade dos fenômenos (sem, obviamente, reduzir-se a ele), o território debate a problemática do poder e sua relação com o espaço; enquanto para Santos, o espaço reúne a todos, com múltiplas possibilidades para seu uso, relacionadas com as possibilidades do uso do tempo. Haesbaert (2014) diz que

Espaço, enquanto espaço geográfico, ou seja, aquele que faz parte da abordagem sobre a relação sociedade/natureza, é mais amplo que território - este sendo visto como um olhar sobre o espaço geográfico



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

que coloca seu foco nas relações de poder, isto é, enfatiza as relações espaço/poder. (2014, p. 55)

Nesse sentido, podemos entender que o território tanto pode ser lido a partir das relações de poder, pensando numa visão macro do Estado como também pode estar presente em toda a microfísica do poder espalhada em todas as esferas da sociedade, conforme Haesbaert (2014). Encontramos o uso de território, enquanto categoria prática, especialmente entre movimentos sociais, como o movimento dos sem-terra, dos sem-teto e dos povos tradicionais.

Entendemos, a partir de Haesbaert (2014), que território sempre tem a ver com poder, não apenas o tradicional poder político, mas também nos sentidos de dominação e de apropriação. Quando o território está imerso em relações de dominação e/ou de apropriação sociedade-espaço, “desdobra-se ao longo de um *continuum* que vai da dominação político-econômica mais concreta e funcional à apropriação mais subjetiva e/ou cultural-simbólica.” (HAESBAERT, 2004, p. 95 – 96 apud HAESBAERT, 2014, p. 58). Segundo Haesbaert, todo o território é funcional e simbólico, ao mesmo tempo, pois as relações de poder têm no espaço um elemento intrínseco tanto na prática de funções quanto de significados.

Nesse momento, passamos a tratar a relação entre território e lugar. O lugar, como o território, torna-se muito mais complexo pela crescente mobilidade, e desse modo, pelas redes que cada vez mais se impõem na sua construção. (HAESBAERT, 2014, p. 47). Haesbaert (2014) destaca que

Ao contrário de território, visualizado sempre muito mais na forma de “extenso”, área ou zona (ou, em noções mais recentes, como território rede), lugar (do latim *locus*) nasce através da concepção absoluta de um “ponto no extenso” que se transforma numa espécie de átomo ou elemento de base do espaço geográfico, segundo Brunet (BRUNET, FERRAS e THÉRY, 1993, p. 298), ou, relacionalmente, na “menor unidade espacial complexo da sociedade”, como quer Lussault (em LÉVY e LUSSAULT, 2003, p. 561). (HAESBAERT, 2014, p. 45)

Podemos entender, que lugar é onde a pessoa busca referência para construir seus valores, suas crenças, é diferente de local. O lugar, segundo Haesbaert (2014),



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

abrange um conjunto material na efetivação de relações sociais nas ligações mais subjetivas de um determinado sentido de lugar. “Numa visão “abrasileirada” do lugar, Oliveira enfatiza leitura de sua dimensão significativa “a partir da experiência, do habitar, do falar e dos ritmos e transformações” que fazem o lugar ser “experienciado como aconchego que levamos dentro de nós.” (OLIVEIRA, 2012, p. 15 apud HAESBAERT, 2014, p. 46). O sentimento de lugar leva a construção de uma identidade no espaço, o que torna mais humanos esses conceitos.

3 Enunciação e interdiscursividade

Para Maingueneau (2008), cada enunciado é portador de um sentido estável, aquele que o locutor lhe confere, que seria decifrado pelo receptor, que tem conhecimento prévio deste mesmo código e que fala a mesma língua que o locutor. O sentido estaria de alguma forma inscrito no enunciado; dessa forma, o contexto desempenharia um papel periférico. Para o autor

O contexto não se encontra simplesmente *ao redor* de um enunciado que *conteria* um sentido parcialmente indeterminado que o destinatário precisaria apenas especificar. Com efeito, todo ato de enunciação é fundamentalmente **assimétrico**: a pessoa que interpreta o enunciado reconstrói seu sentido a partir de indicações presentes no enunciado produzido, mas nada garante que o que ela reconstrói coincida com as representações do enunciador. Compreender um enunciado não é somente referir-se a uma gramática e a um dicionário, é mobilizar saberes muito diversos, fazer hipóteses, raciocinar, construindo um contexto que não é dado preestabelecido e estável. (MAINGUENEAU, 2008, p.20)

A partir desta colocação, podemos dizer que fora do contexto não podemos realmente falar do sentido. É preciso saber onde o texto se encontra e de que forma foi feito, além de conhecer o texto para poder entender o seu sentido. “Um enunciado não se assenta no absoluto; ele deve ser situado em relação a alguma coisa.” (MAINGUENEAU, 2008, p. 105). A linguagem humana é caracterizada pelo fato de que os enunciados se utilizam do próprio ato enunciativo como ponto de referência, as



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

principais características da situação de enunciação linguística: enunciador e co-enunciador, momento e lugar da enunciação. Importante destacar que você tem como referente o co-enunciador e o eu não é enunciador em si, mas apenas seu vestígio assim como o você não é co-enunciador, mas sim seu vestígio, segundo Maingueneau.

“Todo enunciado implica um enunciador em relação ao qual é definido o *você*, constituído como tal pelo enunciador. Se esse enunciador, suporte do ato de enunciação, coincide com o sujeito da frase, ele é representado sob a forma “eu”.” (MAINGUENEAU, 2008, p. 106). Já quando nos referimos aos elementos chamados “de terceira pessoa”, eles designam alguém que está fora do ato de enunciação, qualquer referente que não seja nem o enunciador nem o co-enunciador. A partir de Benveniste, Maingueneau explica que chamamos de não-pessoa essa tradicional “terceira pessoa”, assinalando que ela se encontra numa esfera diferente do eu e do você.

Nas situações de enunciação, o enunciador escolhe marcas discursivas, uma delas é o emprego do nós. Maingueneau (2008) explica que

o emprego do “nós” para designar não uma soma de indivíduos, mas um sujeito coletivo, não tem nada de surpreendente; como explica Émile Benveniste, “de uma forma geral, a pessoa verbal no plural exprime uma pessoa amplificada e difusa”. O nós não é efetivamente uma coleção de eu, “é um eu expandido para além da pessoa estrita, ao mesmo tempo aumentado e com contornos vagos. (MAINGUENEAU, 2008, p. 127)

Sobre a utilização dos nós, Maingueneau (2008) usa como exemplo, a utilização do “on gagné” na França após a eleição presidencial, para que todos se sentissem incluídos na vitória, o “on”, poderia ser traduzido por a gente, nós, não utilizando o habitual ils gagné, que se referiria a eles e não nós. No nosso objeto de análise, o nós é incluído inclusive no título do vídeo, para que o co-enunciador se sinta parte daquela situação de enunciação.

Nas situações de enunciação, encontramos também o interdiscurso, que segundo Maingueneau (2000) é um conjunto de discursos, que podem ser do mesmo campo ou de campos diferentes, podem ser de épocas diferentes. “É um conjunto das unidades discursivas com as quais ela entra em relação” (2000, p. 86). Maingueneau cita



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

Charaudeau ao dizer que o sentido interdiscursivo para as locuções ou os enunciados fossilizados que são associações feitas regularmente às palavras e contribuem para dar-lhes um valor simbólico.

Além do termo interdiscurso, também encontramos o termo intertexto, sendo este reservado a literatura enquanto o interdiscurso é para os outros textos. Adam (1999, p.85 apud CHARAUDEAU e MAINGUENEAU, 2014, p. 286) “fala de “intertexto” para “os ecos livres de um (ou de vários) texto(s) em outro texto”, independentemente de gênero, e de “interdiscurso” para o conjunto dos gêneros que interagem em uma conjuntura dada.” Por sua vez, Charaudeau (1993d apud CHARAUDEAU e MAINGUENEAU, 2014) “vê no “interdiscurso” um jogo de reenvios entre discursos que tiveram um suporte textual, mas de cuja configuração não se tem memória.” Podemos perceber que aqui se encontram aquelas referências, que não sabemos muito bem de onde vem, mas sabemos que já vimos e pode ter sido num discurso de um familiar ou em um ditado popular.

Charaudeau e Maingueneau (2014) “todo discurso é atravessado pela interdiscursividade, tem a propriedade de estar em relação multiforme com outros discursos, de entrar no interdiscurso.” (2014, p. 286). Para Barthes (1973, apud CHARAUDEAU e MAINGUENEAU, 2014) todo texto é um intertexto, porque nele estão presentes outros textos, em diferentes níveis, alguns referenciados, outros que nos lembram algo direto e outros ainda como um referência, que eu nem sei mais de onde veio, algumas vezes, parece que foi o autor mesmo que pensou, mas na verdade veio de outra pessoa enunciando em um texto lido ou ouvido há tempos.

4 A interdiscursividade presente no vídeo “Nós somos o MBL”

Para este trabalho, escolhemos analisar um vídeo, postado no *Youtube* pelo MBL, em novembro de 2017. Para a análise a categoria escolhida foi a interdiscursividade, explicada por Maingueneau (2008). A interdiscursividade traz referências de outros discursos para o discurso que estamos analisando no momento, e



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

muitas dessas referências não são claras, mas sabemos que já vimos, ouvimos ou lemos aquilo em outro lugar.

A metodologia utilizada no trabalhado foi a análise do discurso, com enfoque na interdiscursividade de Maingueneau (2008). A produção do discurso nas sociedades segundo Foucault (2009) é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por procedimentos. A análise do discurso é sempre dependente do contexto, tenha em mente que todo processo de produção-circulação-consumo dos sentidos de um texto passa por duas dimensões constitutivas do que se chama semiose social: ideológico e poder. Um discurso é um espaço habitado, onde encontramos os atores em determinados cenários, com determinados objetos e a função do enunciatário ao ler é movimentar esse cenário. Peruzzolo (2004) ressalta que todo discurso procura persuadir seu destinatário de que é verdadeiro, e para isso, usa os mecanismos discursivos para criar a ilusão de verdade, tornando as escolhas feitas e os efeitos de sentido obra do enunciador e não mero acaso.

Para Peruzzolo (2004) o discurso é um jogo comunicacional, no qual o enunciador coloca estratégias com o desejo de persuadir o enunciatário de alguns valores que podem ser: morais, filosóficos, educativos, ideológicos, informativos ou comportamentais, enquanto o enunciatário, por sua vez, aceita tais instruções de modos de como usar e faz sua ação de constituição e consumo de sentidos. Segundo o autor, o enunciador estabelece como o enunciatário deve ler a verdade do texto e este admite lê-lo no seio de uma verdade possível. O papel do enunciador é realizado de forma persuasiva e que o papel do enunciatário é realizado de forma interpretativa, incumbindo a este a decisão sobre o que fazer após realizar a leitura.

A partir do conceito de interdiscursividade fizemos a decupagem do vídeo. O vídeo tem cinco minutos e 11 segundos, e já começa com muitas referências, a que primeiro nos chama atenção é a fala adulterada, um alusão a uma técnica utilizada no jornalismo, para que uma testemunha não seja identificada, mas ao contrário da utilização no jornalismo, a imagem não está escurecida para não vermos o rosto das pessoas. Na primeira imagem, que acompanha a voz adulterada, vemos quatro homens,



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Midiatização** e Processos Sociais

três brancos e um negro, com outras referências, dois deles aparecem mais a frente, um deles faz uma referência a um militar de alta patente e utiliza um boné, que pode, facilmente ser ligado a Fidel Castro, o outro é o homem negro, ambos utilizam uma bandana cobrindo o rosto, em clara referência aos *black-locks*, das manifestações de 2013. Os que estão atrás fazem referência a agentes americanos da CIA e do FBI, com óculos escuros e casaco sobretudo. A parede que está atrás deles traz símbolos, que representam o vazio e um alvo. A frase, que é dita, fala que a esquerda foi extirpada da capital, uma referência ao termo médico utilizado para se referir a retirada de nódulos cancerígenos, como se a esquerda fosse um câncer retirado do corpo, nesse caso a capital do país, numa clara alusão ao impeachment sofrido pela ex-presidenta, Dilma Rousseff.

Na sequência, encontramos uma referência a uma televisão saindo do ar e a voz ainda adulterada diz que a luta não acabou, que o câncer se espalhou por décadas, uma referência aos governos de esquerda, que vão sendo marcados no mapa do Brasil com o símbolo do alvo, que no início era verde vai ficando vermelho, e na fala temos também uma referência a imprensa, aos sindicatos, empresas e até a escola dos seus filhos, taxados como se fossem de esquerda e destacando que é nesses lugares que o inimigo se encontra. Na continuação somos apresentados ao personagem principal do vídeo: um rapaz, ele usa um moletom com capuz, que está sob a cabeça, tem cabelos compridos, barba e bigode, numa clara alusão ao estereótipo do jovem de esquerda. Próximo a ele aparece uma parede com pichações, ele pula, como se descesse de um muro, olha para trás e segue em frente, correndo. As pichações também fazem parte do interdiscurso ligado a esquerda e a forma como ele foge também remete a atitudes de esquerdistas, quando precisam fugir dos militares, em outras épocas.

A interdiscursividade na primeira parte do vídeo aparece relacionada ao estereótipo de esquerda difundido na sociedade e ainda a esquerda colocada como um câncer da sociedade, que precisa ser extirpado, utilizando inclusive expressões médicas para falar disso. Percebemos que o personagem principal está buscando ocupar seu lugar no espaço, mostrando o início de sua trajetória para fazer parte de algo.



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

Na continuidade, temos a imagem de um homem branco, entre 40 e 50 anos, com dólares caindo sobre a imagem, sendo que a imagem dos ex-presidente Lula se reúne a esse cenário, ele está falando para uma multidão, uma referência ao seu tempo de líder sindical, o que se liga perfeitamente com a fala, que faz alusão a fortunas jorrando de dinheiro roubado vindo de imposto sindical e fundações bilionárias, dizendo que a esquerda resiste apenas por isso. Após isso, vemos uma imagem, que se parece com uma foto de revista, com algumas pessoas, seus nomes e profissões, enquanto o texto fala da preparação para o retorno triunfal da esquerda, utilizando a expressão, já conhecida, como lobo em pele de cordeiro. Nesse ponto, a interdiscursividade aparece para relacionar à esquerda a corrupção e a escândalos ligados a líderes sindicais. Também temos uma ligação com as revistas, que falam sobre negócios, pessoas vestidas como empresários, dando destaque a sua profissão. O lugar que é marcado nessa parte está relacionado com aquele que não queremos ocupar, o lugar de corrupto, que tenta se parecer como uma pessoa boa, como o lobo em pele de cordeiro.

Na continuação, voltamos para os homens do início do vídeo e surgem muitas referências de empresas, de celebridades, como Luciano Huck, a ex-senadora e candidata a Presidência da República e os deputados Alessandro Molón (atualmente filiado ao Partido Socialista Brasileiro - PSB) e Randolfe Rodrigues (filiação ao Rede Sustentabilidade), figuras ligadas a partidos de esquerda, com exceção de Luciano Huck, considerado pela maioria como um liberal, mas associado pelo MBL à esquerda. O texto que acompanha diz que o inimigo tentará passar uma imagem diferente da que tem, dizendo que agora é de centro, que se tornou liberal e que defende a democracia, que a esquerda terá um belo sorriso e que promete lutar contra a corrupção, seguida de uma ironia “que coisa linda!”. Percebemos aqui mais um movimento para associar a esquerda à corrupção e questionar o posicionamento dessas celebridades, o interdiscurso está associado a corrupção de várias empresas, que aparecem nesta sequência do vídeo.

No prosseguimento, a imagem destaca o rapaz, que está caminhando na rua, aparece uma parede com grafites e pichações até chegar num cartaz, que possui um *QR Code*, o qual o rapaz faz a leitura com o smartphone, ele segue caminhando na direção



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

indicada pelo código. Junto a essas imagens, o texto fala que muitos cairão no seu engodo e lhe deixarão sozinho no campo de batalha. A frase seguinte diz que a luta agora será na guerrilha, uma alusão a um termo utilizado pela esquerda, quando organizava movimentos de resistência. Encontramos a interdiscursividade, novamente, ligando a esquerda à pichações, à guerrilha e à enganação. O lugar marcado nesse discurso é do guerrilha, na qual as lutas acontecem e para onde estão convidando o público para estar.

Na continuidade, temos uma sequência de imagens, que agora aparecem sem falas. A interdiscursividade é muito evidente, a primeira marca é percebida quando aparece a imagem de uma manifestação, sob ela aparece o símbolo do alvo e na sequência cenas de confronto entre manifestantes e policiais. Uma clara alusão de que os manifestantes devem ser eliminados, esses manifestantes, que mostrados como baderneiros são mais uma alusão a esquerda. Na continuação, temos referências a vários veículos de comunicação, através de imagem de manchetes, que saíram em jornais impressos, telejornais e portais de notícias. Essas manchetes fazem críticas a esquerda novamente, quando diz que Lindbergh, senador do Partido dos Trabalhadores (PT), confraterniza com taxista agrediu diretor do *Uber*, numa outra referência de que a esquerda é contra o liberalismo econômico e por isso contra a entrada do *Uber*, no Brasil. Nas manchetes também aparecem elogios à direita, na pessoa de Fernando Holiday, vereador na cidade de São Paulo e membro do MBL. Dessa vez, percebemos que o lugar que querem ocupar é o da direita, aquela elogiada pela mídia e não o da esquerda, novamente, associada a corrupção.

Neste momento, no vídeo aparece de novo, o rapaz que está caminhando, seguindo um caminho indicado pelo *QR Code*. Agora, podemos ver que ele veste uma camiseta do MBL, por baixo do moletom; ele encontra outro cartaz com *QR Code* e, novamente, faz a leitura para continuar seguindo o caminho indicado. Encontramos nesta sequência, uma referência ao clipe da música *Another Brick In The Wall*, da banda inglesa *Pink Floyd*, que faz uma crítica à educação, ao sistema educacional, no qual



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

aparecem pessoas caindo de uma prancha e o símbolo do alvo volta a estar sob as pessoas, numa alusão que a esquerda deve ser eliminada.

O alvo some, e a manifestação que aparece agora é do MBL. Percebemos algumas diferenças dessa manifestação para as outras, que foram mostradas, ela é ordenada, as pessoas usam roupas claras e são brancas. Na sequência, aparecem várias imagens de manchetes, que dão destaque a atuação do vereador Fernando Holiday, criando um interdiscurso, de que ele e conseqüentemente a direita é eficiente. O destaque das manchetes da sequência seguinte é o *Queermuseu* e uma exposição que aconteceu no Museu de Arte Moderna de São Paulo, uma delas é a fala do curador do *Queermuseu*, que diz que o MBL quer controlar o que lemos, vemos e ouvimos e a outra está relacionada a intolerância, mostrando uma cena do Fantástico e uma manchete do El País. Na sequência, vemos pessoas defendendo uma posição similar a dos integrantes do MBL; não podemos ouvir o que eles dizem, mas conseguimos perceber o que eles querem dizer. A relação do interdiscurso expressa que a opinião do MBL é a correta e eles estão recebendo apoio de outras pessoas.

Na sequência, vemos um meme muito utilizado na internet, o Caetano Veloso jovem, dizendo “cara que loucura, como você é burro”. A posição política de Caetano é conhecida, nos anos 70 durante a ditadura no Brasil, ele chegou a ser exilado, após o Ato Institucional nº 5 (AI-5) e esse meme foi muito utilizado por pessoas ligadas a esquerda.

Nos encaminhamos para a parte final do vídeo, as imagens voltam a ser acompanhadas por textos. As imagens mostram o rapaz, no alto de um prédio admirando o horizonte, a imagem muda para uma bandeira, e vai dela para uma manifestação, na qual aparece uma bandeira brasileira. O texto que acompanha as imagens diz: “ninguém lhe disse que a luta seria fácil. Mas é nela que surgem os heróis. E heróis não por causa de suas vitórias; mas sim pela sua capacidade de resistir. Você já sabe o que fazer. Não precisa de nenhum grande guia ou líder político para mudar seu destino. Você é um de nós. Pois assim como você, lutaremos esta guerra mesmo quando a vitória pareça impossível.” Neste momento, a imagem inicial se repete, acompanhada



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

da frase, nós somos o front, nós somos a resistência. A intenção é associar o co-enunciador ao discurso, como se ele estivesse presente e fizesse parte das ações que o MBL vem desenvolvendo.

Na última cena do vídeo, aparece uma manifestação e de repente aparecem três homens brancos, sentados em um sofá, todos sorriem e a imagem volta para manifestação, que é pró-MBL e o rapaz aparece caminhando nessa manifestação.

Durante todo o vídeo, encontramos o uso do nós, como enunciador, sempre buscando trazer o co-enunciador para dentro do discurso, para que o co-enunciador sinta que é parte ativa, nas atividades que estão sendo desenvolvidas. Somos nós que fizemos e não apenas eles, nós fazemos parte e somos importantes para que a atividade aconteça. Entendemos que o MBL sempre busca ocupar um lugar de destaque, que deve ser elogiado, seja lutando junto aos que acreditam no mesmo ideal defendido por eles, seja em destaque na imprensa, com elogios. Também deixa claro que não quer ser associado a esquerda, que aparece sendo criticada pela imprensa e caracterizada como corrupta.

5 Considerações Finais

Este estudo teve como objetivo analisar a interdiscursividade presente no vídeo “Nós somos o MBL”, publicado no canal do *Youtube* do MBL. Para atingir o objetivo, utilizamos a análise de discurso, com ênfase na enunciação e na interdiscursividade, por Maingueneau (2008). Utilizamos ainda uma constelação de conceitos, da qual fazem parte o espaço, o lugar e o território, com aporte teórico de Santos (2006) e Haesbaert (2014). Concluimos que a interdiscursividade foi um elemento central no vídeo. Foram utilizadas referências da música, de empresas, de personalidades, sejam políticas ou celebridades, de políticos de esquerda e de direita, com o intuito de reforçar estereótipos destas pessoas. Encontramos ainda o uso do nós, como enunciador, buscando trazer o co-enunciador como participante do discurso e das atividades desenvolvidas, o discurso é nosso e não deles.



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

O trabalho desenvolvido irá auxiliar a minha pesquisa da dissertação, pois me ajudou a conhecer melhor o MBL. Pensando nas possibilidades que o trabalho abriu, encontramos a possibilidade de analisarmos os comentários do vídeo. Também podemos nos aprofundar na análise do vídeo, buscando aporte em outras teorias ou aprofundarmos a análise do discurso imagético.

Referências bibliográficas

CHARAUDEAU, Patrick, MAINGUENEAU, Dominique; Tradução Fabiana Komesu. **Dicionário de Análise do Discurso**. 3ª ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

FAUSTO NETO, Antonio. **Mediatização, prática social: prática de sentido**. In: Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação e Comunicação (COMPÓS), 15, Bauru/SP. Anais eletrônicos. 2006.

FOUCAULT, Michel; tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. 19ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

Gomes, Karine do Prado Ferreira. **Comunicação e resistência na cibercultura: Movimentos Net-Ativistas e as Controvérsias do Movimento Brasil Livre**. Karine do Prado Ferreira Gomes – 2017. CCX, 210 f. Dissertação Universidade Federal de Goiás.

HAESBAERT, Rogério. **Viver no limite: território e multi/transterritorialidade em tempos de in-segurança e contenção**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

Koberstein, Evandro Léo. **Do cidadão ao cibercidadão: estudo das estratégias de comunicação no Facebook do Movimento Brasil Livre e da Mídia Ninja no impeachment de Dilma Rousseff** / Evandro Léo Koberstein – 2018. 419 f.: il.; 30 cm. Dissertação (Mestrado) – Universidade Católica de Brasília, 2018

MAINGUENEAU, Dominique; tradução Márcio Venício Barbosa, Maria Emília Amarante Torres Lima. **Termos-chave da análise do discurso**. 1ª reimpressão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

_____; tradução de Cecília P. de Souza-e-Silva, Decio Rocha. **Análise de textos de comunicação**. 5ª ed – São Paulo: Cortez, 2008.

PERUZZOLO, Adair Caetano; **Elementos da Semiótica da Comunicação: quando**



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

aprender é fazer. Bauru, SP: Edusc, 2004.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4ª ed. 2ª reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.